

A SOCIOLINGUÍSTICA E A ANÁLISE DO DISCURSO SOB UM OLHAR DE CIÊNCIA EXTRAORDINÁRIA

Nélio Martins Araújo¹

RESUMO:

O presente artigo objetiva discutir o conceito de Ciência opondo o positivismo científico à chamada ciência extraordinária (KHUN, 2007) para, em seguida, buscar aproximar duas áreas dos Estudos Linguísticos – a Sociolinguística e a Análise do Discurso – que, à luz de uma ciência positivista, seriam vistas como não-científicas. Somente a partir do entendimento de ciência como uma atividade social, resultado da ação coletiva do homem, torna-se possível compreender que, apesar de se tratarem de áreas distintas, há um elemento em suas constituições epistemológicas a aproximá-las. Esse elemento de sinergia entre ambas equivale àquilo a despeito do que se constituiu a ciência linguística a partir de Saussure (1996): o caráter social da linguagem. Tal fator, não considerado pela tradição saussuriana, compreende uma possibilidade de aproximação dessas disciplinas à medida que ambas lançam seus olhares teórico-metodológicos ao que está além da língua. Ou seja, ambas consideram algo encontrado fora do sistema linguístico: o uso social da língua – impassível de ser considerado sob os moldes de uma ciência positivista. Assim, sem um olhar de ciência extraordinário não é possível perceber o caráter científico de disciplinas como a Sociolinguística e a Análise do Discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência extraordinária; Sociolinguística; Análise do discurso

ABSTRACT:

This article aims to discuss the concept of Science opposing the scientific positivism to the extraordinary science. Only after that we can approximate two areas of the Linguistic Studies: the Sociolinguistics and the Discourse Analysis. These areas could be seen as no-scientific areas, by the positivist science. If we understand science as a social activity, we can understand there is an element in their epistemological constitutions that approximate them. This element is not considered in the traditional linguistic science. The social character of the language consists in the possibility of approximation of those disciplines, when they consider in their theoretical-methodological scopes what is in the outside of the language: the social use of the language. So, without an extraordinary vision of Science, it is not possible to see the scientific character of disciplines as the Sociolinguistics and the Discourse Analysis.

KEY-WORDS: Extraordinaryscience; Sociolinguistics; Discourseanalysis

Introdução

¹ Mestre em Linguística e Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia.

É comum encontrarmos, no âmbito das chamadas Ciências Humanas, trabalhos que buscam questionar alguns de seus métodos, técnicas e procedimentos de análise chegando até a desqualificarem o valor de alguns de seus resultados em função de uma visão restrita de Ciência. Alguns desses trabalhos representam uma busca pelos limites de seus campos, intentando, talvez, uma nova forma de se encarar questões tanto teóricas quanto metodológicas para suas análises. Já outros lançam questionamentos sobre seus campos, imbuídos de uma noção de Ciência tão formalista que não conseguem compreender uma maneira diferente da sua de conceber Ciência e estudos científicos. Tais trabalhos, num afã de protegerem suas “cientificidades”, chegam a taxar algumas áreas de não científicas, mesmo não percebendo que há outras formas de se assumir a noção de Ciência e de, portanto, praticá-la.

O presente trabalho representa uma tentativa de revisitar duas áreas dos Estudos Linguísticos - a Sociolinguística e a Análise do Discurso - com o objetivo principal de (re)pensá-las sob uma ótica de Ciência mais ampla do que as chamadas positivistas, visto que algumas destas chegam a desconsiderar o estatuto de ciência daquelas. Especificando nossos objetivos, pretendemos discutir sobre o que seria uma noção positivista de Ciência para contrapô-la a uma noção de Ciência que não se ocupe em se enquadrar de forma simplificada em modelos “pré-estabelecidos” em nome de se angariar uma credibilidade científica. Também, intentamos pensar sobre como uma visão de Ciência que a considera como atividade social pode contribuir para certas áreas dos Estudos Linguísticos.

Para tanto, optamos por pontuar nosso trabalho opondo os estudos de Thomas S. Khun, que apresenta uma forma mais abrangente de se enxergar Ciência, ao chamado positivismo científico. Na sequência, pretendemos pinçar alguns elementos da Sociolinguística e da Análise do Discurso que poderiam indicar algumas possibilidades de aproximação das suas redes conceituais a partir da (re)tomada do que tradicionalmente é excluído dos estudos científicos da linguagem, qual seja, o uso da língua e, por conseguinte, o seu caráter social.

1. Ciência positiva x Ciência extraordinária

A escola positivista surgiu na França no começo do século XIX e ganhou força na segunda metade desse século e início do século XX, quando também chega ao Brasil. O

pensador Augusto Comte foi o principal idealizador dessa corrente que defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de se alcançar o conhecimento verdadeiro. Nessa perspectiva, para ser considerada correta, uma teoria deve ser comprovada por métodos científicos válidos. Assim, qualquer conhecimento que não possa ser comprovado cientificamente não pode ser considerado, ou seja, o progresso da humanidade depende exclusivamente dos avanços científicos.

Em oposição a essa corrente, encontramos Khun (2007) apresentando uma visão de Ciência a partir da ideia de que a história das ciências não é algo acumulativo, com a qual o conhecimento científico advém do acúmulo de informações. Sua perspectiva é a de quem compreende que cada teoria – portanto, cada conhecimento científico – está ligada à contingência epistêmica de sua época de produção, o que deixa de lado a perspectiva do que hoje é entendido, tradicionalmente, como Ciência.

O conhecimento resulta, portanto, de uma sequência descontínua, não cumulativa, de paradigmas científicos que, através das suas rupturas (crises) internas, vão dar lugar às chamadas revoluções científicas que, por sua vez, abrem espaço para as disciplinas – bases do conhecimento científico – serem vistas sob uma perspectiva de metateoria, ou seja, a partir de um olhar que ultrapasse limites reducionistas, como os típicos de uma concepção tradicionalista de Ciência.

A concepção de Ciência que o autor possibilita-nos compreender difere da chamada “ciência normal”, enquanto “pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas” (KHUN, 2007, p. 29), em que se tem o reconhecimento – mesmo que por algum tempo apenas – de alguma comunidade científica específica que proporciona, assim, o lugar de sua própria utilização em qualquer época. A partir das discussões fomentadas por Khun (2007), percebemos que Ciência resulta da ação coletiva do homem e, portanto, deve ser vista como uma atividade social, sem uma visão ingênua de que toda Ciência é reflexo de uma verdade una e infalível e de que toda verdade é necessariamente científica.

Khun (2007) baseia sua concepção de ciência na tese de que ela se desenvolve seguindo uma estrutura semelhante a esta:

<i>Fase pré-paradigmática</i> ⇨ <i>ciência normal</i> ⇨ <i>crise</i> ⇨ <i>revolução</i> ⇨ <i>nova ciência normal</i>
--

Nesse encadeamento estrutural, temos a chamada fase pré-paradigmática representando um período em que a divergência entre os pesquisadores imperaria. Em função dessa ausência de uma disciplina que pudesse explicar os fenômenos e a utilização de técnicas e instrumentos, nessa fase não haveria a constituição de uma Ciência. O estatuto de Ciência ocorreria logo após essa fase, quando, numa disciplina, um paradigma passasse a prevalecer sobre outros e, com isso, tal disciplina se tornaria uma Ciência, a chamada Ciência normal, cujo papel seria o de orientar as atividades científicas do dia a dia.

A definição de paradigma em Khun (2007) bem revela essa noção de disciplina científica quando ele afirma que “um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade científica partilham e, inversamente, uma comunidade científica é formada por homens que partilham um paradigma” (KHUN, 2007, p. 221). Paradigma designa, assim, a escolha, a reunião e a explicação dos fatos científicos que são partilhados pelas comunidades científicas por um período de tempo.

O papel do cientista no âmbito dessa Ciência normal é o de buscar empregar regras e princípios para solucionar problemas cuja solução foi imaginada de antemão ou prevista pelo próprio paradigma, que orienta a atividade científica em questão. Quando surge algum problema que o próprio paradigma não previu e a esse vão se juntando outros e outros problemas, ocorrendo, portanto, um acúmulo de anomalias, surge na comunidade científica uma situação de crise, na qual membros mais ousados propõem alternativas para o paradigma vigente. Segundo o autor, o “teste de um paradigma ocorre somente depois que o fracasso persistente na resolução de um enigma importante dá origem a uma crise” (KHUN, 2007, p. 120).

É desse ponto que, fruto de divergências e discussões, alternativas são levantadas e, sendo aceitas por mais e mais cientistas, um novo paradigma pode vir a substituir ou co-existir paralelamente ao antigo. Eis o que Khun (2007) chama de *revolução científica*, definida como “episódios de desenvolvimento não-cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior” (KHUN, 2007, p. 125).

Dois caminhos são possíveis a partir dessa efervescência dentro do campo de uma Ciência. O primeiro seria o de que a crise do paradigma não significaria a crise da Ciência, o que revelaria somente o reconhecimento de anomalias que não estariam se “ajustando” automaticamente aos modelos oferecidos pelo paradigma em questão. Já o segundo

caminho seria o da substituição total do paradigma por outro e, com isso, teríamos como resultado dessa revolução o estabelecimento de uma “nova” Ciência normal que, por sua vez, entraria no ciclo apresentado de *ciência => crise => revolução => (nova) ciência*.

Temos aqui um ponto importante da obra de Khun (2007) que representa, para nosso presente trabalho, a base de nossas próximas argumentações: uma Ciência revolucionária (também chamada de extraordinária) que, em oposição a uma visão positivista de Ciência, surge durante a formação de novos paradigmas para questões que vão desafiando os paradigmas vigentes e que não conseguem mais apontar para orientações que venham a resolver as chamadas anomalias no/do paradigma. Segundo Khun (2007), “ao concentrar a atenção científica sobre uma área problemática bem delimitada e ao preparar a mente científica para o reconhecimento das anomalias experimentais pelo que realmente são, as crises fazem frequentemente proliferar as novas descobertas” (KHUN, 2007, p. 120).

Estamos envoltos, então, com uma percepção de que as crises nas disciplinas científicas acabam possibilitando uma visão mais questionadora sobre si e sobre sua produção do que uma visão tradicionalista de Ciências com a qual muitos chegam a questionar o caráter científico de disciplinas que não cabem no seu modelo padrão. Khun (2007) nos leva a compreender que somente a partir de um olhar de Ciência extraordinária – para usarmos um termo do próprio autor –, e não mais o de Ciência padrão (normal), que muito carrega consigo o positivismo cartesiano, podemos olhar para disciplinas como a Sociolinguística e a Análise do Discurso sem um olhar “pré-conceituoso” que advém de uma limitada (ou limitadora) visão de ciência que não se abre para o que Figueroa (1994), ao tratar de um novo olhar para os estudos sociolinguísticos, descreve como metateoria.

2. A Sociolinguística

Figueroa (1994), após apresentar as dificuldades que a Sociolinguística enfrenta dentro de seu próprio escopo, em função de muitos desejarem encontrar nela uma cientificidade com base num modelo científico padrão, defende que, somente um olhar de Ciência resultante de um modelo não padrão, ou seja, de um olhar metateórico, ou nos termos de Khun (2007), de Ciência extraordinária, poderemos compreender as articulações científicas que campos como a Sociolinguística podem promover.

Segundo a autora, o paradigma aceito em Linguística, baseado num modelo cartesiano, não permite que a Sociolinguística seja corretamente compreendida, visto que

essa visão formalista parece desconsiderar algumas relações intrínsecas ao campo, como seu princípio fundamental, qual seja, a natureza social da linguagem. Para compreender o caráter científico dessa disciplina, é necessário que o paradigma em vigor leve em consideração a função social da linguagem, trazendo para seus estudos questões de uso da língua no interior da sociedade. Assim, a Sociolinguística deve ser vista

como parte de um paradigma de ciência revolucionária em evolução, um que oferece uma alternativa às suposições Cartesianas normais. É muito difícil participar em ciência normal (como faz todos os participantes pelo menos durante os seus treinamentos acadêmicos) e também questioná-lo, e também é difícil achar modos alternativos de argumento a esses que são aceitos e para aqueles que foram aculturados. Mudanças de paradigma, como quaisquer mudanças em sistemas de crenças, não são nem indolores nem pacíficas. Requerem entre outras coisas o desenvolvimento de uma linguagem revista e um novo ou revisto discurso² (FIGUEROA, 1994, p. 27).

O caráter social presente na disciplina reclama para si um olhar não positivista em que o uso da língua, como parte do comportamento humano, seja sempre considerado, pois a preocupação da Sociolinguística com a linguagem enquanto entidade social e cultural marca um posicionamento distante do paradigma formal, no qual a língua é tomada apenas como conjunto de sentenças e expressão do pensamento.

Abandonando qualquer posicionamento cartesiano insuficiente – no qual o homem é senhor, inclusive, de seus dizeres (enunciações) e dos sentidos que eles possibilitam -, a visão que as discussões apresentadas por Figueroa (1994) permitem são da ordem de uma compreensão de algo que vai além do controle positivista de uma língua. Há o elemento humano que, ligado às suas relações em sociedade, vai determinar o uso da língua. É o que podemos encontrar diluído nas seguintes palavras da autora:

a pesquisa de sociolinguística esteve historicamente preocupada com pelo menos comunicação e interação, variação linguística e variedades de língua, as funções sociais da linguagem, situacionalmente definidas como uso de língua, mudança linguística e desenvolvimento. Esta lista incompleta incluiria trabalhos feitos em etnografia de comunicação, análise de discurso, dialetologia, variação sociolinguística, a sociologia de línguas, pragmática, estilística, estudos *pidgins* e estudos crioulos³ (FIGUEROA, 1994, p. 25).

²“as part of an evolving revolutionary science paradigm, one which offers an alternative to the normal Cartesian assumptions. It is very difficult to participate in normal science (as do all participants at least during their academic training) and to also question it, and it is also difficult to find alternative ways of argument to those which are received and to which one has been acculturated. Paradigm changes, like any changes in belief systems, are neither painless nor orderly. It requires amongst other things the development of a revised language and a new or revised discourse”. (A tradução é nossa)

³ “sociolinguistic research has been historically concerned with at least communication and interaction, linguistic variation and language varieties ,the social functions of language, situationally defined language

O que mais nos interessa dessas discussões, e que partem tanto da visão khuniana de ciência extraordinária, quanto dos encaminhamentos de metateoria feitos por Figueroa (1994), é o ato de assumir algo que vai além da concepção de que o homem é controlador da língua e/ou de seu uso. Essa concepção está ligada a uma lógica positivista de Ciência que pode servir como tentativa de se desacreditar o caráter científico de disciplinas como a Sociolinguística e a Análise do Discurso. É somente por se dar um passo além nessa percepção de Ciência – normal, aceita, padrão– que passamos a entender a cientificidade de certas disciplinas.

É assim que abordamos

a questão de sociolinguística do ponto de vista da metateoria. Por metateoria se refere às crenças subjacentes que geram uma aproximação particular. Outra palavra para metateoria pode ser ideologia ou pressuposição teórica. Tentando entender sociolinguística numa perspectiva de metateoria, este estudo coloca sociolinguística numa tradição de discurso existente há muito na natureza da realidade, conhecimento, descrição e explicação⁴ (FIGUEROA, 1994, p 4).

Pensando em exemplos dessa perspectiva metateórica, que deve ser tomada para a compreensão dos trabalhos em Sociolinguística, encontramos em Labov (2008) um referendo para nossa tentativa de apresentar uma forma outra de se encarar os estudos sociolinguísticos. Esse autor faz, comumente, referências aos estudos linguísticos estruturalistas destacando neles a ausência do seu caráter social para, dessa forma, reforçar o ponto central da Sociolinguística como área que se diferencia da Linguística tradicional, enquanto área reconhecida como Ciência de estudo da linguagem. Em suas palavras:

(...) a Escola de Genebra saussuriana é frequentemente mencionada como a escola “social” da linguística. (...) No entanto, de modo bastante curioso, os linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento de *langue*. Além disso, insistem em que as explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social (LABOV, 2008, p. 217).

use, language change and development. This incomplete list would include work done in the ethnography of communication, discourse analysis, dialectology, sociolinguistic variation, the sociology of language, pragmatics, stylistics, pidgins and Creole studies”. (A tradução é nossa.)

⁴ “the question of sociolinguistics from the vantage point of metatheory. By metatheory is meant the underlying beliefs which generate a particular approach. Another word for metatheory, may be ideology or theoretical presupposition. In attempting to understand sociolinguistics from a metatheoretical perspective this study places sociolinguistics within a tradition of longstanding discourse on the nature of reality, knowledge, description and explanation”.(A tradução é nossa.)

Labov (2008) marca seu posicionamento contrário à exclusão saussuriana do externo da língua pela Linguística estruturalista quando aponta que esta exclui o social dos seus estudos⁵. Ele propõe olhar os estudos da língua a partir do seu próprio uso, ou seja, a partir do estudo dos usos de língua dentro do que ele chama de comunidade de fala⁶. O fato é que assim procedendo, o autor promove a abertura do campo dos Estudos Linguísticos para justamente o que muitos ainda tentam excluir do seu meio, qual seja o fator social que está ligado aos estudos da língua, portanto da linguagem, conseqüentemente da Linguística, enquanto ciência-mãe desses estudos em linguagem.

A despeito de qualquer “impositivo científico”, fruto de uma visão cartesiana de ciência, Labov (2008) trabalha justamente com o que é excluído por esse rigor científico, mesmo pagando o preço da desconfiança daqueles tradicionalistas quanto à noção de Ciência. Somente após assumirmos uma perspectiva de Ciência fora do modelo vigente é que podemos reconhecer nos estudos labovianos sua acuidade científica ao se cercar de um construto teórico-metodológico, como ele mesmo diz, para promover estudos desse comportamento social.

Não é nosso objetivo aqui apontar, nos trabalhos de Labov, inconsistências teóricas que lhes são atribuídas por outros pesquisadores, mas, sim, apresentar que, sob uma ótica metateórica, seus trabalhos podem ser retomados com foco numa revisão de alguns de seus princípios e até mesmo na definição de termos e categorias. No modelo científico vigente, tal procedimento não ocorreria, pois o que está fora do paradigma não deve ser tratado no campo e o próprio paradigma não é levado a nenhuma reconfiguração em função de anomalias.

Vale ressaltar que Labov (2008), de certa forma, faz esse exercício de reconfiguração do paradigma linguístico, visto que ele volta em Saussure para mostrar que o fundador do que hoje se entende como Linguística concebia-a como parte de “uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 1996, p.24). Labov (2008) não vem promover a substituição do paradigma linguístico ao promover o desenvolvimento da

⁵ Segundo Saussure (1996, p. 271), “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua”.

⁶ Por não ser objetivo principal deste artigo, deixaremos de lado as polêmicas que o próprio termo vem suscitar nos estudos do campo. Aqui ela é entendida conforme Labov (2008, p. 221): “a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso”.

Sociolinguística, mas, sim, tomar os Estudos Linguísticos sob um novo prisma, mais voltado para um método de trabalho diferente daqueles até então utilizados pela Linguística padrão. Ou seja, sua proposta é de relativizar os limites dos paradigmas aceitos em Linguística, pensando em outras possibilidades que o campo pode permitir, se o olharmos sob um paradigma funcional (FIGUEROA, 1994).

É sob esse olhar que destacamos da obra laboviana um conceito que bem representa sua fuga dos modelos tradicionais de se pensar Ciência e que compõe os trabalhos em Sociolinguística pelo seu diferencial: o lado social da linguagem. Labov (2008) entende que “apesar da orientação geral da área para o estudo da língua fora de seu contexto social, tem havido situações em que os linguistas esperaram obter confirmação a partir do estudo da fala.” (LABOV, 2008, p. 220). Notemos que o termo “contexto social” utilizado por ele para se referir a algo que não se circunscreve à língua, mas sim à sua utilização, ou seja, à fala, enquanto realização da língua, revela seu reconhecimento de que há algo que não está desvinculado do momento de utilização do conhecimento linguístico pelo falante.

É o ato de se voltar o olhar para esse contexto, enquanto rede de imbricamentos da e na língua e de seu falante, que pode determinar a forma como a língua é utilizada. Portanto, não é somente o conhecimento linguístico da língua que determina a fala, mas há algo observável no uso real dessa língua que interessa também a Labov (2008). Ao trazer como exemplo, para se referir aos problemas em lidar com a fala, a análise de um trecho de uso do *Black English Vernacular* (“Inglês Vernacular Negro”) e do *Standard English* (“Inglês-padrão”), Labov (2008) registra um exercício de raciocínio que nos serve para apresentar o reconhecimento dele desse “algo além da língua” nos estudos linguísticos:

(...) somos forçados a falar de “variantes estilísticas”, e assim estamos deixando de capturar relações que têm a ver com nossa noção de estrutura linguística. Que é um estilo senão um subcódigo distinto, e quando é que temos dois deles? Normalmente pensamos na língua como um meio de traduzir significado em forma linear. Onde e como os significados estilísticos entram neste processo? Falamos da necessidade de comunicar significado como um fator controlador na evolução linguística. Que tipo de controle, se algum há, é exercido pela necessidade de comunicar mensagens “estilísticas”? (LABOV, 2008, p. 222).

Mesmo reduzindo tais questões a uma questão de estilo – e não é objetivo nosso discutir tais encaminhamentos –, o autor deixa marcada certa inquietação quanto às relações entre língua e fala ao se pensar nos significados envolvidos no processo. Há que se desvincular de uma “estrutura linguística” padrão para que outras opções de análise apareçam e ganhem a consistência científica. E, é justamente essa postura que encontramos

em Sociolinguística, quando estudos focam o “uso cotidiano da língua na comunidade” (LABOV, 2008, p. 298) e impõem ao próprio campo um olhar de Ciência extraordinária em que não se seguem modelos, mas sim que propõem uma revisão natural de seus princípios.

Trabalhar com o “contexto social do evento de fala” (LABOV, 2008, p. 291) não é algo tranquilo em se tratando de Estudos Linguísticos, pois chama para as questões de língua algo que “foge ao controle” do analista. E, enfrentar essa falta de controle não cabe dentro de modelos positivistas de ciência. Todavia, somente fugindo desses padrões é que podemos compreender o caráter científico de disciplinas que, numa perspectiva metateórica, revelam sua cientificidade no seu próprio interior, ao construírem seu arcabouço de relações teórico-metodológicas distinto de modelos pré-concebidos.

3. A Análise do Discurso

Outra área que também padece da mesma “falta” de cientificidade imputada por padrões cartesianos de ciência é a Análise do Discurso⁷. Assim como a Sociolinguística, a Análise do Discurso também olha para o excluído dos estudos linguísticos tradicionais, o que só é possível a partir de um modelo de Ciência também não tradicionalista, mas de metateoria, ou, nos termos de Khun (2007), de Ciência extraordinária.

É possível elencar no campo da Análise do Discurso alguns pontos que reforçam essa perspectiva extraordinária de Ciência que nos serve, não como uma tentativa de se aproximar as duas disciplinas, mas para mostrar que alguns de seus pontos de trabalho somente são possíveis sob essa visão extraordinária da Ciência. Entendemos que alguns de seus conceitos-chave podem revelar as mesmas aberturas que, guardadas as proporções e imbricamentos teóricos, tanto ela como a Sociolinguística possuem, além de mostrarem seus caracteres de ciência justamente quando passamos a vê-las não mais sob uma visão cartesiana, mas a partir de um olhar de compreensão de que é no interior de suas construções teóricas que vamos compreender suas relevâncias, seus valores e suas capacidades de fomentar produções de trabalhos relevantes para os Estudos Linguísticos.

Um conceito caro aos estudos discursivos é o de *condições de produção do discurso*. Esse conceito poderia, no interior da Análise do Discurso - enquanto disciplina que

⁷ Reconhecendo a existência de distintas filiações teóricas que marcam a área denominada Análise do Discurso, desejamos esclarecer que estamos nos referindo, no âmbito deste trabalho, à chamada tradição francesa da **área**, que tem em Michel Pêcheux seu principal expoente.

também enfrenta questionamentos por conta do seu objeto de trabalho não se ‘encaixar’ nos moldes clássicos de ciência -, ligar-se à noção de “contexto” presente nos trabalhos labovianos, visto que tanto a essência da noção de “contexto” quanto a de “condições de produção” falam de algo que não está no próprio sistema linguístico (a língua), mas no que lhe é externo, naquilo que mesmo fora o afeta.

Encontramos em Gadet (2005) uma síntese dessa visão de língua que permeia os trabalhos discursivos e que coaduna com o que é possível depreender dos estudos sociolinguísticos ao assumirem que a língua não deve ser pensada como “meio de traduzir significado em forma linear” (LABOV, 2008, p. 222). A autora diz que sempre pensou que

o estudo da língua em uso e dos discursos permitia tornar visíveis certas questões sobre a língua, que não podiam, realmente, serem abordadas através de exemplos fabricados que vêm ocupando, há muito tempo, os linguistas formalistas, ou os esquemas simplificados dos filósofos da linguagem (GADET, 2005, p. 51).

Segundo Gadet (2005), não procede a visão de que o uso e as funções das línguas não incidem sobre suas formas. A língua seria o lugar de aparecimento de efeitos de sentido entre os interlocutores, ou seja, de discurso(s) que, conforme Pêcheux (1997), deve(m) ser tomado(s) como

uma parte de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo lugar no interior de uma formação social dada (PÊCHEUX, 1997, p. 76-7).

Notemos que o discurso aqui é definido como um fenômeno constituído não apenas por elementos linguísticos, mas por elementos outros que se encontram fora do sistema linguístico, ou seja, elementos “extralinguísticos” que comporiam o que o próprio autor chama de *condições de produção*. Em suas palavras:

(...) enunciaremos, a título de proposição geral, que os *fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento*, mas com a condição de acrescentar imediatamente que *este funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo* e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos de “condições de produção” do discurso⁸ (PÊCHEUX, 1997, p. 78).

⁸ Os grifos são do autor.

Um dado efeito de sentido produzido no escopo de um discurso dar-se-á não só na chamada materialidade linguística, mas também na sua ligação com as *circunstâncias* de sua produção, ou seja, com suas condições de produção. Estas são as responsáveis pelo estabelecimento de relações de força que se inserem no discurso, mantendo uma relação com a linguagem e constituindo, portanto, o(s) sentido(s) dos dizeres produzidos.

Orlandi (2005) argumenta que as condições de produção compreendem tanto o sujeito quanto a situação e a memória. Para a autora, as condições de produção podem ser consideradas segundo dois sentidos: um estrito e outro amplo. O primeiro envolve as circunstâncias enunciativas, ou seja, o contexto imediato; já no segundo sentido, inclui-se o contexto sócio-histórico-ideológico. Tal reconhecimento se apresenta de maneira relevante à Análise do Discurso, porque as condições de produção fazem parte da exterioridade linguística por ela considerada.

4. Sob um olhar de Ciência Extraordinária: considerações finais

Como nosso objetivo neste trabalho é apenas apresentar uma possível confluência de olhares teóricos das duas disciplinas sobre o que foi excluído por alguns estudos linguísticos, atentemos para a referência pecheutiana aos “fenômenos linguísticos” em funcionamento num ato de uso da língua. Poderíamos equiparar tal referência à noção laboviana de “contexto social do evento de fala” (LABOV, 2008, p. 291), pois ambas as ideias já apresentadas encontram-se numa visão comum em seus solos epistemológicos, que entendemos estar resumida na compreensão khuniana de ciência extraordinária.

Basta que nos posicionemos numa perspectiva analítica de eventos de língua que abandona a visão limitadora de Ciência normal para podermos voltar nosso olhar para aquilo que, mesmo sendo externo ao campo em questão, deve ser considerado na medida em que estiver atuando de alguma forma sobre tais eventos em análise. Somente assim é que poderemos pensar numa possível aproximação entre as duas disciplinas. Não estamos valorando e nem aglutinando as discussões que cada uma delas promove em separado, mas tão somente apontando para a possibilidade de se ver, em suas constituições teórico-metodológicas, certa sinergia resultante de um posicionamento marcante de disciplinas que se formaram nos últimos anos. Se há uma abertura na e para a compreensão de Ciência, é natural que disciplinas surjam com essa marca constitutiva e, com o crescimento delas, mais e mais abordagens científicas metateóricas e/ou extraordinárias acabem possibilitando

o surgimento e o fortalecimento de paradigmas outros que não aqueles baseados exclusivamente nas chamadas Ciências positivistas.

Nosso objetivo primeiro com este trabalho foi fomentar uma discussão sobre a importância de se pensar Ciência fora de uma atuação “extremista” de se tentar apagar a cientificidade de campos do saber exclusivamente porque eles não “cabem” dentro de um modelo de Ciência normal. Ora, a produção de conhecimento científico passa muito mais pela capacidade de o ser humano articular conceitos, dados e métodos de trabalho do que pelos limites impostos por tradições nas formas de se encarar uma pesquisa. Talvez o problema seja o estabelecimento de uma confusão entre cientificidade e praticidade empirista, visto que pensar em Ciência tem se aproximado muito de um desejo, praticado por muitos, em encontrar soluções para os problemas imediatos que cerca a todos. E fazer Ciência não se resume a isso. Atuar em Ciência inclui também promover o crescimento filosófico-intelectual dos seres humanos que convivem numa sociedade marcada pelas diferenças, e não por simples modelos estanques; é promover discussões, problematização de questões, que de repente não contarão com uma receita universal formatada para “as soluções”, uma vez que leva em conta as diversidades constitutivas de todo ser humano.

Outro encaminhamento proposto por nosso trabalho é pensar em como essa visão *open-minded* dos estudos científicos pode marcar as bases de disciplinas que estão ligadas a elementos excluídos por muitos cientistas da linguagem em nome de uma tradição puritana. Foi assim pensando que elencamos a Sociolinguística e a Análise do Discurso como exemplos de disciplinas que podem trazer nos seus escopos teóricos e de atuação algumas marcas dessa visão de Ciência extraordinária, visto terem surgido em momentos de crise do paradigma linguístico tradicional.

O fato de ambas olharem para o que foi excluído pelos Estudos Linguísticos já apresenta um ponto de confluência de olhares, pois não mais desejam tratar do que está estabilizado como objeto de estudo. Aquilo que não fazia parte dos estudos da linguagem passa a fazer diferença no campo. É por assim pensar que buscamos a noção de contexto trazida pela Sociolinguística, como registro desse olhar para fora dos limites do sistema linguístico – ou seja, a língua –, para relacioná-la com a noção de condições de produção presente na Análise do Discurso, que também representa um olhar para as determinações vindas de fora do sistema linguístico.

Quando essas disciplinas ocupam-se em buscar este algo mais, que estaria localizado além das fronteiras do sistema em si - e que não era tradicionalmente considerado pela

Linguística geral, enquanto base para a maioria dos estudos em linguagem -, elas terminam por revelar propostas de trabalho que vão muito além de simples denominações disciplinares que, em muitos casos, servem somente a interesses secundários. É fácil de perceber que não há nenhuma razão “meta-humana” para o ato de se promover e de se afiliar a divisões internas no campo das Ciências humanas. O que ocorre, e isso sim é relevante, é a circunscrição teórico-metodológica que todo trabalho científico deve apresentar, uma vez que o lugar de onde uma pesquisa parte deve apresentar certa consistência epistêmica, que permita dar voz a seus pesquisadores.

Enfim, a reflexão aqui proposta buscou evidenciar que somente numa perspectiva científica distinta das ditas “normais” é que podemos destacar o valor científico de pesquisas em áreas como a Sociolinguística e a Análise do Discurso, por exemplo. No que se refere às produções de saber específicas promovidas por elas, não se pode esquecer que cada uma delas possui um arcabouço teórico-metodológico que circunstancia as investigações promovidas por seus pesquisadores, sem, portanto, requerer que outras filiações teórico-científicas necessitem de aplicar sobre elas valores e modelos outros que não o olhar extraordinário de uma Ciência igualmente extraordinária.

Referências bibliográficas

FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic metatheory**. (Language & communication library, 14.) Oxford: Pergamon; New York: Elsevier Science, 1994. 204p.

GADET, Françoise. As mudanças discursivas no francês atual: pontos de vista da análise de discurso e da sociolinguística. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos-SP: Claraluz, 2005. p. 51-74.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, 260p.

LABOV, William. O estudo da língua em seu contexto social. In: _____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 215-299.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e parâmetros**. Campinas, SP: Pontes, 6. ed., 2005. 100p.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 61-162.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1996. 279p.